

# REDE PRIVADA DISCORDA DO EXAME

## Contra a prova única

Os diretores de faculdades e universidades privadas em São Paulo, entrevistados pelo JT, são contra a forma como está sendo proposta a nova avaliação dos estabelecimentos de ensino através do exame nacional.

Em tese, eles concordam com as propostas do ministro da Educação, Paulo Renato Souza, de melhorar a qualidade de ensino em todo o País. Mas discordam da aplicação de uma prova única, baseada nos currículos mínimos, que comece a partir deste ano, e defendem que o exame seja regionalizado.

“Somos contra a avaliação”, declara o chanceler da Universidade de Guarulhos (UNG), Antonio Veronezi, e presidente da Associação Nacional das Universidades Particulares. Ele argumenta que, embora haja um currículo mínimo para cada curso, o professor tem liberdade de cátedra para estabelecer um programa mínimo para a sua disciplina. Por isso, na sua opinião o exame deveria ser regionalizado. “E se o aluno entregar a prova em branco ou não comparecer no dia do exame nacional?”, questiona.

“Acho o exame nacional um absurdo”, rebate Marco Antonio de Barros, diretor da Faculdade de Direito das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU).

Ele diz que ele não é necessário como forma de avaliar a qualidade de ensino das instituições, pois já existe fiscalização dos currículos mínimos pelo MEC. As alterações nas regras do jogo estão sendo feitas de forma “abrupta” e acabam abalando a confiança dos alunos.

Por esses motivos, segundo Barros, a avaliação acabará não refletindo o desempenho educacional das instituições. Mas ele descarta a hipótese de que as novas medidas sejam um caminho para o MEC ter um “controle mais preciso” do ensino particular.

“O exame nacional, além de não respeitar as diferenças regionais, não leva em consideração as diferenças entre o ensino público e o privado”, expõe Raimundo Ferreira Ignácio, diretor dos Cursos de Engenharia da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Para ele, se as medidas visam melhorar a qualidade do ensino, a avaliação deveria começar no primeiro ano da faculdade.

Ignácio acredita que as faculdade privadas encaram a educação mais como uma prestação de serviços, enquanto as públicas se direcionam mais para a pesquisa.

(G.S.)